

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 06 de outubro de 2020 às 07h40
Seleção de Notícias

Correio Braziliense | BR

Pirataria

Mercado ilegal de cigarros	3
-----------------------------------------	----------

OPINIÃO CORREIO BRAZILIENSE

G1 - Globo | BR

05 de outubro de 2020 | Direitos Autorais

Suprema Corte dos EUA recusa recurso de processo de plágio e dá vitória definitiva a Led Zeppelin	5
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------

Meio & Mensagem Online | BR

Patentes

Caliber avalia reputação do setor farmacêutico	6
-------------------------------------------------------------	----------

MARKETING

Mercado ilegal de cigarros

OPINIÃO CORREIO BRAZILIENSE

» EDSON VISMONA

Presidente do Fórum Nacional Contra a **Pirataria** e a Ilegalidade (FNCP)

No momento em que o país se concentra no debate sobre a reforma tributária e seus impactos na economia, vislumbramos uma oportunidade única de enfrentar o grave drama da evasão de impostos resultante do mercado ilegal. A estrutura tributária desequilibrada contribuiu para que o governo deixasse de arrecadar R\$ 62,4 bilhões em receitas fiscais na última década somente com os cigarros ilegais, segundo levantamento da Oxford Economics. Apenas em 2019 foram mais de R\$ 12 bilhões evadidos, e o montante segue crescendo junto com o mercado ilegal.

É necessário e urgente encontrar formas de acabar com a marginalidade e a vitalidade financeira das organizações criminosas, que hoje dominam 57% do mercado de cigarros no Brasil, segundo o Ibope, e deixam rastro de sangue e corrupção. O lucro do cigarro ilegal é usado para financiar a compra de armas e o tráfico de drogas, inflamando ainda mais a violência no país. A boa notícia é que, com a reforma tributária, o governo tem nas mãos a possibilidade de sair na frente na guerra contra o contrabando e, ainda, aumentar a arrecadação do país.

Atualmente, seis em cada 10 cigarros consumidos no Brasil são ilegais. A maior parte (49%) é contrabandeada do Paraguai. Enquanto importamos o crime, exportamos os empregos. Ainda segundo a Oxford Economics, em 2019, a indústria legal deixou de gerar 27 mil empregos diretos e indiretos, número maior que os empregos gerados, que somam 25,9 mil. Isso mostra que o mercado acaba diminuindo a capacidade produtiva, uma vez que precisa competir com o mercado ilegal, que domina o consumo nacional.

A verdade é que nos tornamos um mercado grande e atrativo para o crime organizado. A margem de lucro do cigarro do crime é muito elevada em comparação ao produto legal. No Paraguai, o cigarro tem a menor carga tributária do mundo (18%), enquanto a indústria legal brasileira arca com alíquota de 71%, uma das mais altas.

Há cinco anos, houve um aumento da tributação sobre o cigarro (IPI e ICMS) com o objetivo de arrecadar mais e desincentivar o consumo do produto no país. O efeito foi inverso: só diminuiu o consumo de cigarros legais e disparou o do ilegal e, consequência óbvia, a arrecadação tributária caiu.

Na prática, o reajuste nos preços de venda do cigarro refletiu na adesão do consumidor, especialmente os de baixa renda, às marcas ilegais mais baratas, porque não pagam impostos. Um reequilíbrio tributário contribuiria para aumentar a arrecadação para os cofres públicos e diminuir a receita de organizações criminosas. Também teria impacto na recuperação das indústrias nacionais. Em outras palavras, para o Brasil voltar a regularizar o mercado do tabaco e conter o contrabando, não há espaço para aumento de impostos.

Importante salientar que tivemos avanços nos últimos anos, especialmente neste governo, no enfrentamento ao crime organizado, com destaque para o programa Vigia e a Operação Hórus, do Ministério da Justiça e Segurança Pública, que se tornaram referências no combate ao contrabando, por meio de trabalho integrado entre as Polícias Federal, Rodoviária Federal e Estaduais em parceria com a Receita Federal. Porém, para combater o contrabando de modo eficaz, além das ações de repressão, detendo a oferta de cigarros do crime, é fundamental criar um ambiente propício para diminuir a demanda, reequilibrando o sistema tributário.

As discussões para tornar mais eficientes os modelos

Continuação: Mercado ilegal de cigarros

de tributação de cigarros precisam estar inseridas na nova agenda da reforma tributária -- com impactos diretos na redução do mercado ilegal. Essa é a chance de recuperar bilhões em impostos que hoje deixam de ser recolhidos e, ainda, desestruturar a enorme cadeia da criminalidade. O equilíbrio da carga de tributos se

torna, além de ferramenta imbatível no combate à concorrência desleal e criminosa, um propulsor da melhoria do ambiente de negócios, com incentivo à criação de renda, emprego e aumento da segurança para os brasileiros.

Suprema Corte dos EUA recusa recurso de processo de plágio e dá vitória definitiva a Led Zeppelin

1 de 1; John Paul Jones, Robert Plant e Jimmy Page durante lançamento do filme Celebration day, em 2016 - Foto: Miles Willis/Invision/AP

John Paul Jones, Robert Plant e Jimmy Page durante lançamento do filme Celebration day, em 2016 - Foto: Miles Willis/Invision/AP

A Suprema Corte americana recusou-se a aceitar nesta segunda-feira (5) um processo sobre **direitos** autorais do clássico "Stairway to Heaven" do Led Zeppelin, encerrando uma disputa legal de longa data sobre a música.

Um tribunal decidiu em março de 2020 que os roqueiros britânicos não roubaram o riff de abertura da canção "Taurus", escrita por Randy Wolfe, membro de uma banda de Los Angeles chamada Spirit, que apelou em outras instâncias.

Wolfe morreu afogado em 1997, antes de iniciar qualquer procedimento legal.

A decisão da mais alta corte põe um fim definitivo a este processo que vinha sendo seguido de perto pela indústria da música.

Inicialmente, o Led Zeppelin ganhou o caso em 2016, quando um tribunal não encontrou provas de que o clássico de 1971 infringia os **direitos** autorais de "Taurus".

No entanto, a decisão foi anulada depois de um recurso, em 2018.

Estima-se que "Stairway to Heaven" tenha arrecadado US\$ 3,4 milhões durante um período de cinco anos, levado em consideração por um processo civil anterior.

Em 2016, o guitarrista do Led Zeppelin, Jimmy Page - que foi processado junto com o vocalista Robert Plant e outro colega de banda, John Paul Jones - testemunhou que a sequência de acordes em questão "existia desde sempre".

O gestor de patrimônio de Wolfe, Michael Skidmore, entrou com uma ação em 2015, exigindo indenização por danos e prejuízos, e uma citação de compositor para o músico.

Wolfe sempre afirmou que merecia crédito como autor de "Stairway to Heaven", chamando a música de "um roubo".

Especialistas convocados pelos solicitantes para o julgamento de primeira instância disseram que havia semelhanças substanciais entre as partes principais das duas canções.

No entanto, testemunhas de defesa afirmaram que o padrão de acordes usado na melancólica introdução da guitarra de "Stairway to Heaven" era tão comum que não se aplicava **direitos** autorais ao trecho.

Caliber avalia reputação do setor farmacêutico

MARKETING

Análise global da consultoria dinamarquesa comparou antes e durante a pandemia; Brasil é o país que mais confia no setor, e a Aché a empresa mais admirada por seu público

6 de outubro de 2020 - 6h00

Brasileiros não fazem distinção de laboratórios globais ou locais para genéricos (Crédito: MJ Prototype/iStock)

Um estudo abrangente da consultoria internacional dinamarquesa Caliber analisou de forma inédita a reputação do setor farmacêutico considerando dois momentos, um antes e outro já durante a pandemia. A empresa realizou 13 mil avaliações, sobre 67 empresas do setor que atuam em 17 países. Entre essas empresas estão 14 laboratórios globais com operações no Brasil: AbbVie, AstraZeneca, Bayer, Eli Lilly, GlaxoSmithKline (GSK), J&J (Johnson & Johnson), Merck & Co, Novartis, Novo Nordisk, Pfizer, Roche, Sanofi, Takeda **Pharma** e Teva.

A primeira etapa do Global **Pharma** Study foi realizada no final de 2019 e a segunda, em maio deste ano, avaliando o impacto da pandemia de Covid-19 sobre as reputações das companhias do segmento. No primeiro caso, constatou-se que ainda que essa reputação esteja positiva desde 2018, no que diz respeito aos quesitos "confiança e admiração", se comparado a outros segmentos da economia mundial o setor farmacêutico ainda está em 12º lugar, atingindo 70 pontos numa escala que vai até 100.

O Brasil é o país cuja sociedade tem maior índice de "confiança e admiração" na indústria farmacêutica (82,1 pontos), seguido pela China (78,7 pontos), Itália (75 pontos), Espanha (72,7 pontos) e Polônia (71,2 pontos), no Top 5. Mas os organizadores do estudo ressaltam que a avaliação pode variar muito segundo os códigos culturais de cada país, assim como impactos do contexto, sejam eles econômicos, so-

ciais ou políticos.

Outro dado que chamou atenção dos pesquisadores sobre o Brasil diz respeito à percepção sobre os genéricos, isso porque aqui a empresa ser global ou local não parece fazer diferença. Tanto que a brasileira Aché é, em todo o mundo, a que tem melhor reputação, com base em seu mercado-alvo com 83 pontos, à frente da EMS (82,1 pontos), que é seguida pelas chinesas Yunnan Bayao Group, China Meheco e Sinopharma Group. Ambas também lideram o ranking mundial em reputação da Indústria Farmacêutica.

Ao contrário do que aconteceu com os profissionais da saúde - médicos, enfermeiros etc. -, que passaram a ser mais valorizados pela sociedade durante a pandemia, a crise de saúde não necessariamente teve influência positiva sobre o setor farmacêutico. Segundo o Global **Pharma** Study, a reputação das 14 maiores empresas globais do segmento se manteve no mesmo patamar antes e depois da Covid-19 - 67,5 pontos, no pré-Covid, e 67,4 durante a crise da Covid-19.

Dentro das 14 empresas globais estudadas na segunda fase, sete tiveram aumento nos indicadores de confiança e admiração, o que segundo os coordenadores do estudo ratifica que quando a empresa tem uma atuação clara, seus produtos são percebidos como de qualidade e a companhia, como bem gerenciada, em questões como governança e responsabilidade socioambiental, inclusive em períodos turbulentos, como os últimos meses de 2020.

EMPRESA /VARIAÇÃO EM PONTOS ANTES E DURANTE A COVID

Novo Nordisk 2,8

Teva 2,0

Continuação: Caliber avalia reputação do setor farmacêutico

Merck 1,7

Sanofi 1,2

AstraZeneca 1,0

Roche 0,7

Pfizer 0,6

No que diz respeito à comunicação, a consultoria defende que a indústria farmacêutica deve investir mais em uma comunicação direta com seus stakeholders. Isso porque as maiores empresas sofrem em reputação pois ainda dependem muito de terceiros mídia, governos, grupos de defesa do consumidor e ONGs para serem conhecidas.

Já outro ponto interessante do estudo mostra que quanto mais experientes as pessoas - logo, mais perto de precisarem mais dos produtos e serviços da indústria farmacêutica - menos confiança elas têm no setor. Enquanto os millenials, com idades entre 25 e

40 anos são os que mais aprovam o setor (70,8 pontos), seguidos pela geração Z (69,3 pontos), os "Baby Boomers", entre 50 e 64 anos, registram 64 pontos.

Para realizar a pesquisa, a consultoria Caliber utilizou uma metodologia proprietária usando a plataforma digital Real-Time Tracker (RTT) que cruza dados, em tempo real, sobre percepção da sociedade (opinião pública) e analisa o alinhamento entre o que as marcas falam e como a sociedade as percebem.

Segundo Dario Menezes, diretor executivo da Caliber no Brasil, o estudo está disponível gratuitamente, pois seu objetivo não é criar qualquer tipo de ranking, mas provocar reflexões e propostas de ação por parte dessa indústria, levando em conta o que já foi alcançado e, em especial, o que ainda pode ser feito.

Publicidade

Índice remissivo de assuntos

Pirataria
3

Direitos Autorais
5

Patentes
6